

NARRATIVAS QUEERNAVALESCAS: MEMÓRIAS DE UMA RAINHA EM CENA

Rodrigo Lemos Soares¹

Thiago Silva de Amorim Jesus²

¹Universidade Federal de Pelotas – guidodanca@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - thiagofolclore@gmail.com

1. ABRINDO ALAS... AS ALEG[O]RIAS DA VIDA...

Esta pesquisa integra um dos campos de estudo do Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte (OMEGA/ UFPEL/ CNPq) e está estruturada, a partir do que fui vivenciando nesses anos de dança e, mais que isso, de proximidade com a temática do estudo, a saber, o Carnaval, especificamente o Bloco Carnavalesco Marilú e dele, suas Rainhas. A problemática que persiste neste recorte – as narrativas de vida de uma das Rainhas - pode ser colocada em termos da minha crença na capacidade dos humanos de criarem novos valores à mercê de toda a massificação, todo o controle, toda a miséria da lógica capitalística e, é por este pensamento que proponho um jogo linguístico com o termo queer, tendo em vista, os modos como ela depõe sobre o Carnaval. compreendo que o objeto a ser investigado deve envolver o proponente, no sentido mais amplo que se possa imaginar, envolto nas suas histórias e experiências (LARROSA, 2002). Isso porque, “[...] falo de sentimentos. Para além das exigências cartoriais, penso que toda e qualquer pesquisa nasce precisamente da insatisfação com o já sabido” (CORAZZA, 2002, p.111). Assim, ao delimitar as histórias das Rainhas como problema de pesquisa implica em “descolar-me” dos saberes, poderes, formas de subjetivação e colocar-me em experimentação (CORAZZA, 2002).

Um rastro de intenção do projeto esta em ver os corpos como “[...] memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura [...] fabricado ao longo do tempo” (SANT’ANNA, 2005, p. 12) “[...] lá onde há poder há resistência [...]” (FOUCAULT, 1997, p. 91). Somado a esse pensamento, destaco que a educação se faz presente na escrita pelo fato de que a mesma se dissipa em todos os locais, a partir de relações diretas ou indiretas a que somos expostos, não se limitando aos ambientes formalizados, escolarizados. Assim, ao tratar de narrativas das Rainhas do Bloco carnavalesco Marilú, ao discutir seus entendimentos, diretamente tenho produzido conhecimento científico e ao mesmo tempo educando, tanto para ciência, quanto para educação do pensamento sobre as desnaturalizações sobre estes saberes, fazeres e, principalmente, sujeitos.

O que me inquietou e conduziu a esta escrita é o fato de que ao participar do projeto de pesquisa sobre o Carnaval, a visualização de um documentário, indicou-me que, por mais que tivesse me afastado das pesquisas voltadas aos gêneros, algo havia ficado por discutir, nesse caso, pesquisar. Além disso, os estudos de gênero produzem em mim encantos, que em outros momentos geravam medos, porém as belezas dos movimentos estavam lá. E isso que denomino como pesquisa de gênero assumiu um contorno importante para discutir mais sobre estes encantos, fazendo com que eu lance mão a uma pesquisa de cunho performático. Assumi estes acontecimentos como problema, foi então que produzi o projeto, focando nas Rainhas do bloco carnavalesco Marilú. Desta forma tenho como problema de pesquisa a seguinte inquietação: Como entendem e se entendem a partir do/ no/ pelo Carnaval? O que significa “ser” Rainha do Bloco Carnavalesco Marilú? Com isso, apresento enquanto proposta inicial investigar e problematizar, histórias de Rainhas do Bloco

Carnavalesco Marilú, de Rio Grande/ RS, entendendo estes espaços como mais uma instância educacional.

2. EVOLUINDO NA PASSARELA DA RAINHA

O estudo está estruturado no campo dos Estudos Culturais (COSTA, 2000), em sua vertente Pós-estruturalista (SILVA, 2005), sob o fazer de uma Etnografia surrealista (CLIFFORD, 2012) recorrendo à conversas semiestruturadas (GIL, 1999) e o mesmo será analisado por meio da técnica denominada Análise Cultural (WORTMANN, 2007). Os movimentos de pesquisa realizados foram contatos via e-mail e celular com as seguintes mídias da cidade de Rio Grande: Jornal Agora, RBS TV, TV FURG, TV MAR, TV Câmara, contato com dois dirigentes do bloco carnavalesco Marilú (Sr. Pedrinho do Milan e Sr. Pirulito). Como não obtive êxito, no sentido de composição de dados, realizei uma conversa com uma das Rainhas, a qual mora na cidade de Pelotas, cujo nome é Camila Duarte. A escolha pelas conversas semiestruturadas refere-se ao fato de que narrar às experiências de si “[...] não é algo que se produza em um solilóquio, em um diálogo íntimo do eu consigo mesmo, mas em um diálogo entre narrativas, entre textos” (LARROSA, 1994, p. 70). Ao recorrer a LARROSA (1994) indico que ao narrar-se o sujeito movimenta, ao mesmo tempo em que produz memórias e histórias sobre, a partir de condições de possibilidade do mundo que o cerca. No entanto destaco que os próximos movimentos são a realização de entrevistas com as outras 11 rainhas, mais um retorno, para outra conversa com a Camila Duarte. Abaixo apresento uma foto do Bloco Carnavalesco Marilú, no Carnaval de rua de Rio Grande, no ano de 1976, cedida por um dos seus dirigentes, o senhor Pedrinho do Milan.



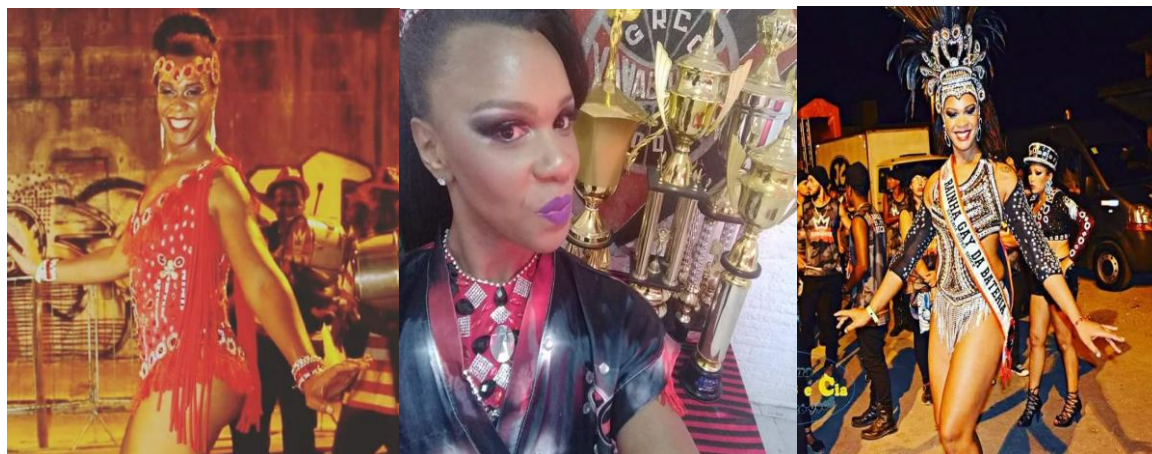
FONTE: Arquivo pessoal do senhor Pedrinho do Milan, cedida para esta pesquisa.

3. POR ENQUANTO... O DESFILE [APENAS] ENTROU NA AVENIDA!

Considero o espaço dos carnavais como uma possibilidade de investigação que poderá me permitir encontrar elementos acerca das relações de poder, resistência e de verdade na educação retomando FOUCAULT (1997) ao escrever que “[...] lá onde há poder há resistência [...]” (FOUCAULT, 1997, p. 91). Compreendo que os estudos “ditos” foucaultianos permitem não reproduzir e naturalizar os fatos históricos referentes ao Carnaval e suas Rainhas, nesse caso, mas evidenciar as articulações e os jogos de poder para chegarmos a sermos aquilo que somos, como FOUCAULT (1979) nos ajuda a pensar. Os significados que temos de nós mesmos, enquanto carnavalescos(as) ou mesmo enquanto sujeitos estão atravessados pelos signos que foram forjados no campo cultural e social. É no palco, no jogo, no reconhecimento ou na ausência deste, que constituímos nossas posições de sujeito e identidades. Destaco que percebi entrecruzamentos das memórias, das narrativas e experiências, enquanto produtoras do local e sujeito, principalmente, como agentes que forjam as identidades da Rainha entrevistada e, desse modo, destaco que a educação não formal está para o Carnaval, como o ensino está para educação dos corpos, com auxílio de pedagogias que partem de conhecimentos específicos deste acontecimento, dado observado na seguinte narrativa: “[...] Tu pode usar o Carnaval de muitas maneiras, ele te abre muitas portas, seja para questões de gênero, cultural e social. Foi o Carnaval que me ajudou a me assumir. Antes dele – o Carnaval, eu era apenas o Michael, o bailarino [...]” (CAMILA DUARTE – 16 de mai. de 2018).

4. PARA NÃO TIRAR O BLOCO DA RUA, MAS PENSAR NA SUA PRESENÇA

Momentaneamente o estudo, ainda encontra-se em desenvolvimento. Nessa lógica, tenho percebido o quão potente tem sido dialogar com a Camila, conhecendo, ao mesmo tempo em que, apropriando-me de suas histórias de vida, ou mais especificamente, de suas memórias relativas ao Carnaval. Os encontros com a participante tem promovido um repensar de ações e atitudes, para o campo da docência e, de forma ampliada, da Educação. Além disso, em meio ao processo de fazer-me pesquisador, quase que autobiográfico, tenho realizado inúmeros exercícios de transferência, no sentido de pensar o quanto nossas histórias se cruzam, reitando a ideia de contestação do já sabido, estranhando minha histórias relativas ao Carnaval, a partir das narrativa de Camila. Salvo estas observações, ainda não conclusivas, considero ser possível afirmar que o Carnaval produz identidades e comportamentos específicos para Rainha em questão. Isso porque, em meio à “Folia de Momo” ocorrem distintas formas de pertencimento e, mais que isso, de condições de possibilidade para que os sujeitos assumam, reiterem ou usem de jogos para dizer de suas práticas e posições de sujeitos sociais, que são. Abaixo destaco três fotos cedidas pela participante do estudo, Camila Duarte.



FONTE: Acervo pessoal da Rainha Camila Duarte, cedidas para esta pesquisa, em diferentes momentos de vivência com o Carnaval.

5. ENREDOS E PASSARELAS: as fontes que possibilitaram estes diálogos

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica** - antropologia e literatura no século XX. [S.l.]: [s.n.], 2012.

CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante de ferrolhos. In: COSTA, M. V. [Org.] **Caminhos Investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação – 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. pp. 105 – 132.

COSTA, M. V. **Estudos Culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cibema. [Org.] Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. [Trad.] ALBUQUERQUE, M. T. C.; ALBUQUERQUE, J. G. Rio de Janeiro: Graal: 1997.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. [Org.- Trad.] MACHADO, R. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, pp. 128-138. 1999.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n 19. 2002. pp. 20 – 28.

LARROSA, J. B. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. [Org.]. **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994. pp. 35-86.

SANT'ANNA, D. B. Corpo e história. **Cadernos de subjetividade**, vol. 3, nº.2, São Paulo: PUC, 2005.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

WORTMANN, M. L. C. **Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciência**. A produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia - instâncias e práticas contemporâneas. 1. ed. Porto Alegre: EDUFRGS. 352p. 2007.